

Revista da

# FACED

Universidade Federal da Bahia



6

ISSN 1516-2907

# Senhor da Linguagem e Invencionices pela Paz

## Entrevistando Monteiro Lobato<sup>1</sup>

**RESUMO:** Autora de tese sobre a “paidéia lobatiana” trava diálogo ficcional com Monteiro Lobato, trocando idéias sobre temas atuais como guerra, tecnologias, Fórum Social Mundial, Fome Zero, poesia e o Sítio do Picapau Amarelo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lobato, linguagens, paz

**Mary Arapiraca**

Doutora em Educação-UFBA  
Professora Adjunta-FACED/UFBA  
ciro@svn.com.br

(1) Versão atualizada de texto publicado no Caderno de Letras, Revista do Departamento de Letras Anglo-Germânicas, UFRJ/Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras, Setor de Alemão, ano 16, nº 17, 2003

Em janeiro de 2002, Marisa Lajolo<sup>2</sup> esteve participando conosco, na FACED/UFBA, de uma banca de concurso. Aproveitamos o ensejo para acompanhar o *cortejo armado* e sambar na lavagem do Bonfim. Em estado de graça, com a graça da afro-baianidade desse evento, Marisa cantava em alto e bom som a única estrofe que conhecia - *Glória a Ti neste dia de glória/ glória a Ti redentor que há cem anos...* - julgando conhecer o hino todo. Encerramos o dia, Marisa, eu e Dinéia<sup>3</sup>, tão gloriosamente quanto começamos: participando de uma “festa de Babetê”, um caruru, ali mesmo nas redondezas do Bonfim. Foi nessa farra que me lembrou Marisa: “O pai de Emília está fazendo 120 anos. Existe melhor momento para transformar seu ‘Prólogo de uma Paidéia Lobatiana’ em livro? A apresentação fica por minha conta”. Aprendi muitas coisas com Zé Arapiraca, mas não fui capaz de me apropriar da sua rapidez para usufruir boas oportunidades que a vida oferece. O fato é que não concluí, ainda, a metamorfose. Não a kafkiana, mas a transformação da minha tese em livro. E a saída para essa frustração foi entrevistar Lobato, abusando de uma amizade que julgo possuir desde os tempos imemoriais.

(2) escritora, doutora em teoria literária e professora titular do IEL/ UNICAMP

(3) pesquisadora de leitura na perspectiva do desejo, professora da FACED/UFBA

Eis a íntegra da entrevista:

**Mary** – *O que você estava fazendo no Acampamento da Juventude, em Porto Alegre, durante o Fórum Social Mundial? O meu amigo Nelson Pretto contou-me, em tom magoado, que o viu por lá, mas você o desconheceu.*

**Lobato** – Eu recebi o e-mail de Pretto com essa reclamação. É um desvairado aquele seu diretor. Queria que eu lhe desse os en-

dereços eletrônicos dos autênticos, ou melhor, dos *genuínos* “confeiteiros sem fronteira” para que os rapazes participassem conosco de salas de bate papo. Francamente! Poucas oportunidades tenho para abandonar o universo virtual e esse sujeito insiste em me transformar num internauta, me digitalizar. No terceiro dia do Fórum fui ao Acampamento da Juventude a convite da meninada. Por incrível que pareça, ainda possuo um certo ibope nesse meio. Diverti-me muito com as façanhas que aprontaram, especialmente o desfile das jovens nuas. Em época de “fome zero”, ficou difícil zerar a minha. A turma usa e abusa de suas possibilidades. Esbalda-se numa franca desarticulação de atividades e sintonia de propósitos: querem mudar o mundo. Escutei diálogos interessantes sobre as grandes questões que atravessam a humanidade planetária e brasileira: guerra e paz, opressão e liberdade, miséria e progresso, doenças e saúde, fraude e ética.

**Mary** – *Pelo que entendi, você se referiu, de maneira jocosa, ao Programa Fome Zero do Presidente Lula. Não acredita que possa dar certo?*

**Lobato** – Armamos nas estrelas uma ruidosa festa com a vitória de Lula nas urnas, à semelhança daquela que foi organizada no Picapau Amarelo, em que foram levados todos os personagens dos contos maravilhosos para dentro do Sítio. Pois bem, nessa festa estelar, Drummond acrescentou um novo poema ao *Sentimento do Mundo*, Guimarães Rosa incluiu mais uma estória ao *Sagarana*, Pixinguinha ofereceu-nos um *Axeroso*.

**Mary** – *Axeroso?*

**Lobato** – Sim! Carinhoso em ritmo de axé. Já o Mário Lago passou cantando *Bené é que é mulher de verdade* e John Lenon ensaiou *Imagine* apresentando-se, depois, apoteoticamente, no Gigantinho, por ocasião do encerramento do Fórum Social Mundial, enquanto o prefeito lia a carta de Porto Alegre.

**Mary** – *Ah, Lobato, eu imagino a cena! Mas voltando ao Programa Fome Zero...*

**Lobato** – Eu sempre tive birra com o zero que tanto aterroriza os alunos. Talvez seja algo meu, um tanto patológico. Mas, falando sério sem ser sisudo, é grande a minha expectativa em relação a esse Programa da “república da língua plesa”. O Fome Zero é representativo da sensibilidade que um dirigente pode ter por uma questão tão séria que atenta contra a dignidade humana.

Pelo que tenho acompanhado do noticiário, esse Programa tem apresentado um grande impacto, inclusive no âmbito internacional. Isso já é positivo. Claro que é preciso a compreensão de que não se está inventando a roda. Experiências anteriores precisam ser incorporadas. Quando brinquei, foi no sentido de indicar que não temos o direito de permitir que, mais uma vez, essas mais legítimas expectativas sejam frustradas. Tenho receio de que a carnavalização do combate à fome crie dificuldades para a operacionalização do projeto, de que a fome de eventos venha a prejudicar os eventos da fome. E essa história de pedir nota fiscal de rapadura, dona Mary, é bem amarga.

**Mary** – *A Secretaria de Cultura da Bahia aprovou um projeto para instalar cinco terminais de Internet no Sítio do Picapau Amarelo. O que você acha disso?*

**Lobato** – Bis ótimo. Duas vezes ótimo, porque já não é de agora que Emília navega, inclusive na Internet. Em suas viagens ela tem trocado figurinhas e figurões. Sua canastrinha está quase um microcosmo. Entre tantas coisas, encontram-se lá as mais diversas receitas, o que tem deixado tia Nastácia injuriada. Não é que a moleca quer obrigá-la a substituir seus bolinhos pelas receitas de Ana Maria Braga!?

**Mary** – *Na década de 40, por ocasião da Segunda Guerra Mundial, você escreveu “A Chave do Tamanho”, clara posição antibélica, com trecho tão contundente quanto o que Chaplin apresenta no antológico “O Grande Ditador”. Como você se posiciona, agora, acerca do incerto destino da humanidade, com a invasão do Iraque pelas forças anglo-americanas?*

**Lobato** – ESTUPIDEZ!<sup>4</sup> Gostei do recurso da manchete única do jornal de sua cidade. Essa forma como A TARDE traduziu a ação criminosa dos senhores da guerra encerra, de forma firme, o mais profundo sentimento de indignação da humanidade. George W. Bush e os interesses que representa com o primeiro ministro britânico Tony Blair, já conhecido como o *poodle de Bush*, constituem, neste momento, a maior ameaça à paz mundial.

**Mary** – *Mais ameaça do que o próprio Saddam Hussein e suas propagandas armas de destruição em massa?*

**Lobato** – O responsável pela comissão de direitos humanos da ONU entregou recente relatório a Bush prevendo a morte de

(4) A Tarde. Salvador, Bahia – quinta-feira, 20/04/2003. Caderno 1, página 1.

milhares de civis, sendo 50% crianças. Que esperança se pode depositar em uma superpotência que desconsidera essas previsões e, dando as costas à opinião mundial e ao direito internacional, espalha pavor, angústia e sofrimento para criaturinhas com as quais só se deveriam ter cuidados e mimos?

**Mary** – *Sobre isso, Arnaldo Jabor no jornal televisivo comentara: “o sofrimento de tantos deixa o mundo sem esperança, e sem esperança não há ética nem pensamento e a morte vai ficando pequena”. Quem ceifa vidas, não merece respeito. Nada justifica uma guerra, por mais que se esforce a retórica dos mercenários.*

**Lobato** – Tudo isso, por certo, tende a desestabilizar e enfraquecer a ordem internacional. É totalmente insano e prepotente e arrogante o comportamento desses senhores, que tomam para a si a decisão do que é bom ou ruim para a humanidade. Para Emília só existe uma saída: reeditar “A Chave do Tamanho” para reduzir Bush e toda a violência que ele representa, do mesmo modo que Saddam Hussein, a mais ínfima insignificância, e depois colocá-los em uma única caixa de fósforos. Para ela, ao abrir a caixa, nenhum dos dois seria encontrado, porque “um comeria o um e o outro comeria o outro”. E você, por que ao invés de estar pelejando para publicar sua Paidéia Lobatiana, não cuida de acrescentar, com a minha autorização, mais esse capítulo n’A Chave do Tamanho?

**Mary** – *Não comece com suas emilices. A entrevistadora sou eu. Mas, ainda sobre violência, questão que envolve a da guerra e até a ultrapassa, o que nós outros que mexemos com Educação podemos fazer para desenvolver uma cultura da PAZ?*

**Lobato** – Sou resistente, você bem o sabe, a apresentar listas de boas maneiras ou de condutas para quem quer que seja. Agora, lá no Sítio nós conversamos muito sobre o assunto.

**Mary** – *Conversa fiada, Lobato?*

**Lobato** – Sim, conversa fiada, afiada e afinada. Fiada na esperança, na boa vontade, na arte de fazer amizades, na disposição para perceber o simples. Afiada na coragem para pedir e oferecer ajuda e na disposição para fazer brotar a solidariedade. Afinada com a história dos cantos dos galos de João Cabral de Melo Neto ou com a indicação de alegrar-se com os que se alegram e entristecer-se com os que se entristecem, do apóstolo São Paulo. Só

não nos afinamos com os poderosos, que de astúcias usam para continuar poderosos. Quando eles aparecem com suas conversas afiladas, a meninada grita: o rei está nu! Igual fizeram no Acampamento da Juventude e na história de Andersen.

**Mary** – *Toda nudez será castigada?*

**Lobato** – Tomara que não. Na história de Andersen, o rei foi despido de suas vaidades pelas crianças. No Sítio, a ausência de bajulação aos poderosos é ponto de honra. Homenagens especiais são dispensadas aos pacificadores, grupo de pessoas ao qual sonhamos um dia pertencer. Por isso a discussão sobre pedagogias da paz chega a ser o feijão-com-arroz do Sítio, o bolinho nosso de cada dia que tia Nastácia nos dá hoje.

**Mary** – *Como são esses debates? De que modo são desencadeados?*

**Lobato** – Ah, dona Mary, não me peça para ensinar padre nosso a vigário. Aproveitamos todos os espaços, virtuais ou não, para animados serões, em que se fala sobre tudo, da guerra à paz, da violência à esperança, da corrupção à proibidade.

Os jornais estão aí, as análises políticas, os poemas... Veja, por exemplo, essa preciosidade que tenho guardada aqui no bolso: uma carta de Anísio Teixeira endereçada a Fernando de Azevedo, datada de 1970, tão atual que parece ter sido escrita para comentar o cenário recente que se arma para a guerra. Para não abusar de sua paciência, vou ler só um trechinho:

Os poderosos de hoje estão convencidos que estamos na luta final da civilização entre comunistas e capitalistas, luta pela qual admitem que a destruição de toda espécie é aceitável, desde que possam sobreviver um homem e uma mulher e estes sejam americanos. Isto não é fantasia, mas objeto de cálculos rigorosos e complexos, elaborados pelo Pentágono, o atual centro do poder no mundo, perante o qual as loucuras de Hitler parecem turbulência de crianças. O senador americano Richard Russell estaria aí para atestá-lo. O último laboratório orbital humano, recentemente lançado ao espaço pelos americanos e que se dissolveu na atmosfera antes de entrar em órbita tinha entre seus objetivos o de poder constituir-se no aparelho para preservar alguns americanos no caso da destruição global cá na Terra. Cálculos de 75 milhões de mortos contra 150 milhões dos adversários são banalidades no war-game do Pentágono...

**Mary** – *É, meu velho, não é por falta de alertas que ainda são dados apoios às loucuras bélicas.*

**Lobato** – Quem é velho?

**Mary** – *Ninguém, foi apenas uma forma carinhosamente vocativa.*

**Lobato** – Sei disso, mas ouvi numa rádio, outro dia, que Emília está completando 80 anos e achei esquisitice, porque, no Sítio, ninguém faz aniversário, nem dieta e nem é acometido de doenças. Pareceu-me falta do que fazer, inventar idade para quem se autodenomina: “Eu sou a Independência ou Morte”.

**Mary** – *Perdoa-lhes, Lobato. Não me parece que sejam coisas pensadas. E não conte nada para a boneca-gente, que não é tão gente, assim!*

**Lobato** – E isso é bom ou ruim?

**Mary** – *Por favor, Lobato, a entrevistadora sou eu.*

**Lobato** – Então, é isso também que fazemos no Sítio: pensar sobre as coisas ditas sem pensar, analisar as ofensas não intencionais, as agressões físicas e as violências simbólicas cometidas sem ou com a intenção de prejudicar o outro, mas que em qualquer caso deixa marcas indelévels. Temos discutido muito acerca da irracionalidade de qualquer forma de violência e de como ela fere os brios de cada um de nós. Analisamos os comportamentos manifestos nos filmes, nas novelas, nos livros, porque até nos entretenimentos a violência faz-se presente. Também não deixamos passar em vão os nossos comportamentos cotidianos. Para que nada fique de fora, valemo-nos dos nossos registros diários.

**Mary** – *Registros diários?*

**Lobato** – Existe um vídeo sobre ética, fruto de um seminário organizado por Marilena Chauí em que ela alerta para a irracionalidade de comportamentos próprios da natureza humana. Para ilustrar, usa uma metáfora interessante: “a natureza humana é um barco à deriva”, havendo necessidade de educá-la. Temos feito registros cuidadosos sobre tudo o que acontece no Sítio. Não me pergunte o porquê da necessidade do registro. Iniciamos com os diários na forma tradicional e acabamos aderindo aos pós-modernos *weblogs*. Tem sido um bom pretexto para o diálogo. E o melhor dessa história é a ressonância para muito além do Sítio... Emília é quem mais se diverte com isso.

**Mary** – *Como assim?*

**Lobato** – Essa coisa de ser planetária, de entender que tudo o que faz tem repercussões no Sítio e para além dele tem deixado o narciso da boneca bem aguçado. Já ensaia pedir ao Visconde para escrever-lhe um novo livro de memórias. Esses registros vão ajudar nosso cientista, que tem em seu computador da cachola um arquivo vivo, sem ter que recorrer a disquetes, CD-ROMs, DVDs, essas coisas todas que vão surgindo com a informática. A propósito, tenho me visto rodado com essa boneca que quer por que quer que eu escreva: Emília no País da Informática. Já lhe disse que não escrevo mais. Já pendurei minhas penas. Mas, dona moça, eu nunca tinha percebido que arquivo rima com vivo. De tanto ouvir falar em arquivo morto, nunca atentei para outra possibilidade. Em sua FACED ainda tem arquivo morto, professora?

**Mary** – *De novo querendo inverter os papéis, Lobato? Se eu não fosse a entrevistadora, diria que existem arquivos agonizantes. Mas de arquivo, entendo pouco. Isso é coisa para Foucault e Lícia Beltrão, professora da FACED que, no momento, desenvolve estudos de doutorado sobre educação, linguagem e escrita.*

**Lobato** – Peça-lhe para mandar-me um e-mail. Sobre a importância de se saber planetário, coisa percebida rapidinho por Emília, estamos entendendo que a consciência disso é condição necessária para que o sujeito se situe como agente da paz. Qualificar os atos do dia-a-dia, inclusive os mais minúsculos, como importantes para a saúde da aldeia global é ponto essencial de ancoragem dos processos sistemáticos e assistemáticos de formação de pessoas.

**Mary** – *Fala mais sobre a paz, Lobato. Quem sabe a gente estanca a guerra...*

**Lobato** – Você acha mesmo?

**Mary** – *De braços cruzados é que não podemos ficar. Até porque na Faculdade de Educação, somos responsáveis por regar na meninada viçosa a semente da esperança. E a discussão desses temas é sempre edificante para a formação da juventude.*

**Lobato** – No exato momento em que temos um presidente oriundo da classe trabalhadora, penso ser possível investir-se profundamente para que nossas escolas, especialmente as de educação infantil e ensino fundamental, transformem-se em espaços de



felicidade onde a criançada cuide de duas coisas: BRINCAR e APRENDER. Quero ouvir crianças gritando: aqui a gente *esculhambrinca* – bem a gosto de Emília! Aqui não nos julgam comportadas, indefesas, assépticas, uniformes, mas dotadas de apetites, de desejos, de linguagens, de atitudes jocosas e desobedientes diante de verdades que não consideram nossas necessidades, nossa história sociocultural, e especialmente nossas amplas possibilidades de compreensão e intervenção na realidade. Aqui usamos e abusamos de nossas capacidades discursivas de crítica, de questionamentos, de contestação – acerca do mundo ter chegado ao que chegou. A pedagogia não pode desvincular-se de decisões políticas. Assim, urge que também sejam ampliados os espaços educacionais, os quais se encontram, por exemplo, junto aos meninos das sinaleiras engolindo fogo ou fazendo malabarismos para ganhar uns trocados. Incluir essas e outras crianças em programas que lhes tragam felicidade e perspectivas de um amanhã digno é o grande desafio que faço a vocês da FACED/UFBA.

**Mary** – *O que você acaba de dizer parece-me coerente com a dimensão libertária da literatura infantil lobatiana. É isso que entendi?*

**Lobato** – A criança que emerge do meu universo é completamente diferente daquela concebida pelo ideário burguês. Configura-se como um ser independente, inquisidor, contestador, forjado dentro dos princípios da autonomia e do desejo de transformar a realidade, de reinventar o mundo. Na verdade, eu aderi à voz da criança, deslocando o ponto de vista do adulto que deseja impor normas, limites e valores repressores, conforme a tradição pedagógica da literatura infantil, para assumir o desejo da criança de criar a própria realidade. Só uma criança livre é capaz de manter um permanente diálogo com o perigo. O Sítio é lugar da liberdade e não da repressão assim, como a escola é o lugar da democracia e não da tirania. A família dos picapauenses tem seus próprios mecanismos de auto-regulação e controle. Tentei criar um lugar idílico, através de imagens que concretizam o território da nossa fantasia, dos nossos sonhos e desejos, a visão do paraíso perdido. A saga infantil do Picapau Amarelo recupera o universo lúdico da infância, a criança enquanto ela mesma, aquela que é regida pelo princípio do prazer e movida pelo desejo de conhecer – impulso tão natural quanto aquele de fantasiar, de divertir-se, de brincar. São esses os pilares da minha obra. É esse o meu projeto literário,

libertário e pedagógico. Os adultos, na minha obra, cumprem os papéis de serem doadores e referência, daqueles que nutrem, que asseguram uma certa ordem com a função precípua de garantir às crianças as duas atividades básicas: brincar e aprender.

**Mary** – *Lobato, meu caro, por mim ficaria um dia inteiro ou mais a lhe entrevistar, mas a editora já clama por esta entrevista. Gostaria de dizer mais alguma coisa para finalizar?*

**Lobato** – Posso lhe dizer, mesmo? Depois desse nosso papo, morro de vontade de lhe entrevistar acerca da Paidéia Lobatiana. Quem sabe, na Índia, no próximo Fórum Social Mundial...

**ABSTRACT:** The author of a thesis on “Monteiro Lobato’s paideia” creates a fictional dialogue with the writer, revisiting his ideas about issues like war, technologies, World Social Forum, Zero Famine, poetry and the Picapau Amarelo Ranch.

**KEY WORDS:** Monteiro Lobato, languages, peace